A Grécia no Século V a.C.

"Ouvide a miséria dos mortais, sabei o que eu fiz por essas crianças débeis que conduzi à razão, à força do pensamento… Antigamente, os homens tinham olhos para não ver, eram surdos à voz das coisas, e, semelhantes às formas dos sonhos, agitavam ao acaso a duração da sua existência na desordem do mundo.

Eles não construíam casas ao sol, desconheciam o tijolo, as traves e as tábuas, e, como formigas, acoitavam-se no solo, metiam-se na escuridão das cavernas.

Não previam o retorno das estações, pois não sabiam ler no céu os sinais do Inverno, da Primavera florida, do Estio que madurece os frutos.

Faziam tudo sem nada conhecerem.

Até ao momento em que eu inventei para eles a ciência difícil de levantar e de pôr os astros. Depois veio a dos números, rainha de todo o conhecimento. E a das letras que se juntam, na memória do universo, obreira do labor humano, mãe das artes.

Depois, para os aliviar dos trabalhos mais pesados, ensinei-os a ligar ao arnês os animais selvagens. O boi vergou a cerviz. O cavalo tornou-se dócil ao cavaleiro. Puxou o carro. Foi o orgulho dos reis. E, para correrem os mares, dei-lhes a barca de asas de pano…

E ainda outras maravilhas. Contra a doença, os homens nada tinham, a morte apenas. Misturei filtros, preparei bálsamos: a vida deles extinguiu-se, ela e tornou firme e continuou… Finalmente, abri para eles os tesouros da terra: tiveram o ouro e a prata, tiveram o bronze, tiveram o ferro… Tiveram a indústria e as artes".

Bonnard, A. (2007). A Civilização Grega. Lisboa: Edições 70. (pp. 14-15).